

# OS MODERNISMOS EM MINAS GERAIS: TRADIÇÃO. NACIONALISMO E REGIONALISMO NOS PERIÓDICOS A *REVISTA* (BELO HORIZONTE. 1925-1926) E *VERDE* (CATAGUASES. 1927-1928: 1929)<sup>1</sup>

 LUCIANA FRANCISCO  
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - ASSIS - SÃO  
PAULO - BRASIL

## RESUMO

Ao partir da perspectiva de construção plural do movimento modernista, não limitada pela geografia ou temporalidade, o tema ganha complexidade na diferença de visões reveladas pelos grupos envolvidos, sobretudo pelos debates lançados em suas revistas, que carregavam interpretações próprias do que é moderno ou modernista a depender da posição ocupada na rede modernista. De Minas Gerais, duas revistas são representativas da expressão modernista no estado na década de 1920: *A Revista*, da capital Belo Horizonte, e *Verde*, da pequena Cataguases, no interior mineiro. Da aparente contradição de ser moderno num ambiente enraizado em seu passado colonial, questiona-se quais são as particularidades dos projetos de ambos os grupos em diálogo com o debate amplo traçado com outros intelectuais e revistas. Como fio condutor de análise, foram selecionadas três temáticas recorrentes em ambas as revistas: tradição, nacionalismo e regionalismo; que serão analisadas em dois tempos, nos programas de abertura que lançam as publicações e o conteúdo desenvolvido nas páginas.

**Palavras-chave:** Modernismo; Revistas mineiras; Tradição; Nacionalismo; Regionalismo.

## ABSTRACT

From the perspective of the plural construction of the modernist movement, not limited by geography or temporality, the theme gains complexity in the different visions revealed by the groups involved, especially through the debates published in their magazines, which conveyed their own interpretations of what is modern or modernist, depending on their position within the modernist network. In Minas Gerais, two periodicals stand out as representative expressions of modernism in the state during the 1920s: *A Revista*, from the capital, Belo Horizonte, and *Verde*, from the small town of Cataguases in the Minas Gerais countryside. From the apparent contradiction of being modern in an environment deeply rooted in its colonial past, the

<sup>1</sup> Este artigo deriva da pesquisa de mestrado “Os debates sobre o modernismo nos periódicos *A Revista* (Belo Horizonte, 1925-1926) e *Verde* (Cataguases, 1927-1928; 1929)”, defendida em 2021 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp, processo 2018/14554-1).

\* Possui graduação em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2015). Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação História e Sociedade da Universidade Estadual Paulista (2021). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista. E-mail: [lucianafrancisco.lfr@gmail.com](mailto:lucianafrancisco.lfr@gmail.com).

study questions the particularities of both groups' projects in dialogue with the broader debates undertaken by other intellectuals and magazines. As a guiding thread of analysis, three recurring themes present in both periodicals were selected: tradition, nationalism, and regionalism, which will be examined in two stages—first, in the opening manifestos that launched the publications, and then in the content developed throughout their pages.

**Keywords:** Modernism; Periodicals from Minas Gerais; Tradition; Nationalism; Regionalism.

## RESUMEN

Al partir de una perspectiva de construcción plural del movimiento modernista, no limitada por la geografía ni por la temporalidad, el tema adquiere complejidad en la diferencia de visiones reveladas por los grupos involucrados, especialmente en los debates promovidos en sus revistas, que expresaban interpretaciones propias de lo que es moderno o modernista, según la posición ocupada en la red modernista. Desde Minas Gerais, dos revistas son representativas de la expresión modernista en el estado durante la década de 1920: *A Revista*, de la capital Belo Horizonte, y *Verde*, de la pequeña Cataguases en el interior del estado. A partir de la aparente contradicción de ser moderno en un entorno profundamente enraizado en su pasado colonial, se plantea la cuestión de cuáles son las particularidades de los proyectos de ambos grupos en diálogo con el debate más amplio trazado con otros intelectuales y revistas. Como hilo conductor del análisis, se seleccionaron tres temáticas recurrentes en ambas publicaciones: tradición, nacionalismo y regionalismo; las cuales serán analizadas en dos momentos, los programas de apertura que lanzan las revistas y el contenido desarrollado en sus páginas.

**Palabras clave:** Modernismo; Revistas de Minas Gerais; Tradición; Nacionalismo; Regionalismo.

## UM MODERNISMO À MINEIRA?

Precisar a definição cultural daquilo que pode ser entendido como moderno ou modernista é tarefa difícil, uma vez que suas expressões são sempre marcadas por diferenças e contradições, ou seja, para estabelecer o moderno é preciso antes reconhecer o seu oposto. No caso brasileiro, pode-se acompanhar os debates registrados na imprensa a partir de alguns dualismos, como cosmopolita e local, vanguarda e tradição, modernistas e passadistas, atraso e modernização. Tampouco pode ser efetivo discutir quando ou onde se levantou primeiro o

bastião da renovação artística no país, tendo a historiografia literária optado por adotar o plural para pensar de modo amplo as manifestações da modernidade e do modernismo, perspectiva que reflete a complexidade do movimento que se articulava em seus vários tempos e tons.<sup>2</sup> Articulação essa que teve o suporte revista como espaço privilegiado de comunicação.

As revistas modernistas brasileiras foram fonte de particular atenção por pesquisadores que buscavam acompanhar as ideias construídas no calor de seu debate, inspirados por metodologias que destacavam o potencial dos impressos periódicos como objeto de estudo, ao que cabe citar o projeto pioneiro liderado por José Aderaldo Castello e Cecília de Lara a partir do acervo pessoal de Mário de Andrade no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) na década de 1970.<sup>3</sup> Por muito tempo dependentes de edições fac-similares, as coleções de revistas modernistas agora podem ser facilmente acessadas em acervos digitais brasileiros, como a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (HDBN); a Biblioteca Brasileira Guita e José Midlin (BBM); e o Portal Revistas de Ideias e Cultura (RIC-Brasil), iniciativa luso-brasileira que conta com aparato documental, estatístico e analítico.<sup>4</sup> As novas formas de acesso e leitura permitem a análise desses títulos para além da visão individual por grupos (que já contam com estudos consistentes), ao propor comparações entre revistas, temáticas, temporalidades e outras chaves de investigação que desafiem afirmações simples ou que tendam à generalização.

Entre os modernismos brasileiros espalhados pelo país, a representação mineira se deu, a princípio, com os grupos envolvidos na edição dos periódicos *A Revista* (Belo Horizonte, 1925-1926) e *Verde* (Cataguases, 1927-1928; 1929), ambos formados por jovens literatos animados com as ideias vanguardistas que, à época, contavam com pouca experiência, mas logo ganharam repercussão no núcleo intelectual modernista mais amplo. O interesse pelo estudo

<sup>2</sup> Ver, entre outros, as discussões propostas por VELLOSO, Monica Pimenta. *História e Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.; e CARDOSO, Rafael. *Modernidade em preto e branco: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

<sup>3</sup> CASTELLO, José Aderaldo. A pesquisa de periódicos na literatura brasileira. In: NAPOLI, Roselis Oliveira de. *Lanterna Verde e o Modernismo*. São Paulo: IEB, 1970. p. 3-7.

<sup>4</sup> Além da coleção integral de alguns títulos do modernismo brasileiro, o Portal RIC-Brasil possibilita a navegação integrada das revistas a partir de oito analíticos: Autores singulares; Autores coletivos; Assuntos; Conceitos; Geográficos; Nomes singulares; Nomes coletivos; Obras. A autoria deste texto foi responsável pela coleta de analíticos de *A Revista* e *Verde*, bem como da curadoria documental que acompanha as coleções. O site pode ser utilizado para traçar as temáticas aqui abordadas pela seleção dos Conceitos: Nacionalismo, Tradição e Regionalismo. Disponível em: <https://br.revistasdeideias.net/pt-pt>. Acesso em: 03 set. 2025.

das revistas mineiras e de seus atores rendeu larga literatura em torno do tema com vistas a compreender as singularidades deste modernismo mineiro<sup>5</sup>, por vezes entendido como provinciano<sup>6</sup>, por carregar traços particulares de sua história, geografia e sociedade local, o que em tese contrastaria com o princípio inovador das vanguardas dispostas a demolir o passado.

No quadro de periódicos modernistas surgidos em diversas partes do país ao longo da década de 1920, *A Revista e Verde* se configuraram em arranjos distintos. Impressa na jovem capital Belo Horizonte, *A Revista* circulou por três números entre julho de 1925 e janeiro de 1926, após as experiências de *Klaxon* (São Paulo, 1922-1923) e *Estética* (Rio de Janeiro, 1924-1925), sendo considerada a primeira revista de vanguarda fora do eixo São Paulo-Rio de Janeiro. Foi editada pelo Grupo do Estrela (café que lhes rendeu a fama), composto por Carlos Drummond de Andrade, Martins de Almeida, Pedro Nava, Abgar Renault, entre outros nomes que permanecem distintos na literatura brasileira. Em setembro de 1927 foi lançada *Verde*, na pequena cidade de Cataguases, iniciativa de jovens estudantes recém-saídos do secundário, como Rosário Fusco, Guilhermino César, Francisco Inácio Peixoto e, o mais experiente deles, Enrique de Resende. O Grupo Verde, título que remete também à sua juventude, publicou cinco números até janeiro de 1928 e, após pausa de um ano, circularam em nova fase um único número, em homenagem ao colega Ascânio Lopes, precocemente falecido. Ambos os grupos construíram uma ampla rede de sociabilidade modernista, com contatos e colaborações que não se restringiram ao tempo e ao espaço de suas revistas.<sup>7</sup>

<sup>5</sup> Para citar alguns dos estudos dedicados ao tema do modernismo em Minas Gerais: BOMENY, Helena. *Guardiões da razão: modernistas mineiros*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Tempo Brasileiro, 1994.; BUENO, Antonio Sérgio. *O modernismo em Belo Horizonte: década de 20*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.; DIAS, Fernando Correia. *O Movimento Modernista em Minas: uma interpretação Sociológica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1971.; SANT'ANA, Rivânia M. T., *O Movimento Modernista Verde, de Cataguases – MG: 1927-1929*. Cataguases: Instituto Francisca Inácio Peixoto, 2008.; ROMANELLI, Kátia Bueno. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. 1981. 265 f. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1981.; SILVA, Margaret Abdulmassih Wood. W. *A Revista: contribuição para o estudo do modernismo em Minas Gerais*. 1984. 325 f. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. Orientação: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cecília de Lara. São Paulo, 1984.

<sup>6</sup> MARQUES, Ivan. *Cenas de um modernismo de província: Drummond e os rapazes de Belo Horizonte*. São Paulo: Ed. 34, 2011.

<sup>7</sup> FRANCISCO, Luciana. Os debates sobre o modernismo nos periódicos *A Revista* (Belo Horizonte, 1925-1926) e *Verde* (Cataguases, 1927-1928;1929). Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2021.

Investigar os modos como essas revistas mineiras interpretaram o debate modernista a partir de suas raízes locais e estamparam novas ideias na construção do movimento em articulação nacional é o exercício que aqui se propõe. Mais do que buscar comparações entre os títulos, trata-se acompanhar o desenrolar das ideias que estavam na ordem do dia entre intelectuais modernistas, compreendendo a coletividade do projeto, mas asseguradas as particularidades de cada grupo. Assim, num primeiro momento, serão analisados os manifestos e programas de abertura destas revistas para avaliar as ideias que inicialmente defendiam como contribuição própria ao movimento. A seguir, delineia-se o conteúdo publicado ao longo dos números, com a finalidade de acompanhar como estas propostas foram desenvolvidas e/ou modificadas.

Faces do mesmo debate, as temáticas tradição, nacionalismo e regionalismo serão analisadas de forma conjunta para compreender tensões e leituras distintas. Estes conceitos foram pautas centrais na discussão sobre (re)criar a identidade nacional, assunto que rendeu sérias divergências e cisões entre grupos.<sup>8</sup> A luz dessas noções, cabe acompanhar as interpretações presentes nos projetos de *A Revista* e *Verde*, que juntos desenharam expressões dos modernismos mineiros e contribuíram, cada um à sua maneira, para o desenvolvimento e debate do movimento em ampla circulação de ideias.

## CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

O caráter prospectivo e programático fez do modernismo um projeto coletivo por essência. De modo geral, os movimentos de vanguarda são permeados pela noção de projeto, algo que exigia uma articulação em grupo para expressarem suas ideias e propostas por meio

<sup>8</sup> Os conceitos de nacionalismo, regionalismo e tradição tiveram contornos próprios no modernismo, embora sem uma concordância comum entre os grupos modernistas, discussão que se estende para as décadas seguintes. A larga historiografia literária do modernismo brasileiro abordou os diferentes aspectos do debate sobre a identidade nacional, a citar os trabalhos de VELLOSO, Mônica Pimenta. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, p. 89-112, 1993.; CARDOSO, 2022.; ARRUDA, Maria Arminda. Modernismo e regionalismo no Brasil: entre inovação e tradição. *Tempo social*, São Paulo, v. 23, n. 2, pp. 191-212, nov. 2011.; PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.; GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio... Modernismo e Nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

da publicação de seus manifestos e programas. Segundo Raúl Antelo<sup>9</sup>, os manifestos e prefácios são uma tentativa de construir vínculos e solidariedade nesta luta por novos valores. Nesse sentido, podemos entender as revistas como espaço para expressão de seus ideais e projetos numa organização coletiva. Dentre estes elos da corrente modernista<sup>10</sup>, cada revista propõe algo novo, ao mesmo tempo, carrega as experiências de grupos anteriores a ela, numa linha de continuidade e mutação.

As revistas mineiras surgiram com propósitos diferentes do cosmopolitismo paulista animado pelo espírito de 1922; tanto o cenário propõe novas ideias, quanto o próprio movimento modernista rumo para outros caminhos, sobretudo de conhecimento e valorização dos vários elementos nacionais. Antes de avaliar sucessos, repercussões ou o impacto que causaram na literatura e cultura brasileiras, cabe analisar as propostas que os grupos mineiros idealizaram neste movimento de renovação, pontos de confluência, bem como aqueles que destoam.

## A REVISTA: UM PROGRAMA DE AÇÃO

A *Revista* não contou com um manifesto explícito do grupo, porém, as apresentações de primeira página de cada número podem ser lidas como suas propostas e posições no movimento modernista. O número de estreia foi aberto com o texto “Para os cétricos”, não assinado, mas atribuído a Drummond. O segundo, cuja autoria foi conferida a Martins de Almeida, dava continuidade a este diálogo, agora dirigindo-se “Para os espíritos criadores”. O último número não teve um texto de apresentação, mas tal função foi cumprida pelo poema “Poética”, de Manuel Bandeira.

Em “Para os cétricos”<sup>11</sup>, afirmou-se que “o programa desta revista não pode necessariamente afastar-se da linha estrutural de todos os programas”, evidenciando o tom de manifesto deste texto, resumem-no em uma palavra, ação, que atribuem o significado de

<sup>9</sup> ANTELO, Raúl. As revistas literárias brasileiras. *Boletim de pesquisa NELIC*. Florianópolis, UFSC, v. 01, n. 02. p. 7, 1997.

<sup>10</sup> LARA, Cecília de. *A Revista: um novo elo na cadeia de periódicos modernistas*, prefácio à edição fac-símile. In: *A Revista*. São Paulo: Metal Leve S/A, 1978.

<sup>11</sup> Para os cétricos. *A Revista*, nº1, ano 1, jul./1925, p. 11-13.

“vibração, luta, esforço construtor, vida”. De fato, tal proposta assemelha-se ao espírito vanguardista das revistas anteriores, especialmente de uma alegria combativa e construtora presente em *Klaxon*. Mas, como também alertaram, era em seu cumprimento que as dificuldades começavam, já que lhes faltava “desde a tipografia até o leitor”.

Belo Horizonte foi descrita como uma cidade paradoxal, fruto de um desânimo injustificável, centro de estudos que não comportava um mensário de estudos, o que era atribuído ao ceticismo do público local, descrente das ideias novas, espécie de denúncia acerca do olhar periférico, encantado com o centro: “E como, de fato, a ideia não vinga, o ceticismo astucioso e estéril vai comprar a sua *Revista do Brasil*, que é de São Paulo e, por isso deve ser profundamente interessante.”

Afirmava-se a ação jovem pela renovação intelectual no Brasil nos campos literários, artísticos e políticos. Porém, tal renovação não descartava a tradição: “Pugnamos pelo saneamento da tradição, que não pode continuar a ser o túmulo de nossas ideias, mas antes a fonte generosa de que elas dimanam”. A par desta defesa da reestruturação com base na tradição, havia também a autoafirmação de *A Revista* como órgão político francamente apoiado no nacionalismo.

Naquele momento, o nacionalismo ganhou força no movimento modernista brasileiro e gerou motivo de cisão em diferentes grupos ao longo da década, a exemplo do aceno de alguns intelectuais modernistas ao integralismo.<sup>12</sup> Neste primeiro texto de *A Revista*, o nacionalismo aparecia em conflito com o universal, do qual o grupo propunha uma conciliação: manter os elementos de originalidade nacional e, somente após resolver esta questão, o próximo passo seria submeter o Brasil ao influxo universal, europeu.

Depois de falar aos céticos, o texto de apresentação do segundo número dirigiu-se “Para os espíritos criadores”,<sup>13</sup> que continuava o debate e esclarecia os posicionamentos da revista. O nacionalismo foi o ponto de partida para discutir as relações com o passado, que aparecia sob duas óticas: a princípio, negam-se as ideologias nacionalistas anteriores que desenhavam o país

<sup>12</sup> PRADO, Antonio Arnoni. *1922 – Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana e o Integralismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

<sup>13</sup> Para os espíritos criadores. *A Revista*, nº 2, ano 1, ago./1925, p. 11-13.



com cores quiméricas, sendo o momento de aproximação com a realidade do meio, numa perspectiva construtiva; contudo, não se propunha rompimento com a tradição, mas visão crítica para edificação do novo.

O propósito nacionalista de *A Revista* foi assim explicitado: “Procuramos concentrar todos os esforços para construir o Brasil dentro do Brasil ou, si possível, Minas dentro de Minas”. Dentro desta tarefa construtiva, o regional era apontado como conhecimento para a afirmação nacional. Acertar Minas dentro de si era um dos pontos para a compreensão e construção da cultura brasileira, portanto, o aspecto regional defendido pelo grupo apontava para o âmbito nacional.

Ao risco do cosmopolitismo, o antídoto era a recomposição capaz de reinterpretar os elementos exteriores a partir da valorização do primitivismo para “humanizar nossa consciência intelectual”. A interpretação que o grupo faz do primitivismo paulista vai ao encontro de uma defesa da tradição, chegando mesmo a afirmar que “somos tradicionalistas no bom sentido”. Tradição e ordem apareceram numa leitura próxima, na qual reiterava-se a formação de um órgão político em defesa da centralização do poder.

Por fim, elencavam alguns problemas do país face às relações exteriores. A imigração era entendida como um perigo, que poderia agravar o estado da mestiçagem psíquica e, nesse sentido, apoiavam a criação de núcleos de colonização como medida para conter o “caldeamento irregular dos tipos”. Alinhados ao seu programa nacionalista, sustentavam a necessidade de uma reforma constitucional que não priorizasse os modelos estrangeiros, tampouco a herança romântica do Segundo Império, mas uma constituição ancorada na realidade brasileira.

Ainda que seguissem um ideal vanguardista em sua estética, a leitura destes dois textos de apresentação deixa entrever certo posicionamento politicamente conservador da revista e de seu grupo, na medida em que defendiam valores tradicionais e acenavam para um poder centralizador, ideias essas que iam na contramão de posturas combativas próprias dos movimentos vanguardistas de rompimento com a tradição.



Sem um texto de apresentação, o terceiro e último número de *A Revista* trouxe, na primeira página, o poema “Poética”<sup>14</sup>, de Manuel Bandeira, espécie de manifesto literário em defesa da renovação em face ao passadismo. Ainda que fosse contribuição externa, pode ser entendido como um aceno do grupo às novas linguagens literárias, rompimento com as formas estéticas anteriores que até então buscaram conciliar. Nos primeiros versos, o poeta denunciava este passadismo: “Estou farto do lirismo comedido. Do lirismo bem-comportado”. Em contraste com as apresentações anteriores, era então tempo de um lirismo libertador, em tom revolucionário, como fecha o último verso do poema: “Não quero mais saber do lirismo que não é libertação”.

## VERDE E A MISSÃO DE ABRASILEIRAR O BRASIL

Para compreender as propostas de *Verde* deve-se considerar a “Apresentação” do primeiro número, feita em nome de todo o grupo, no qual expuseram alguns de seus ideais, ao que se somam outros dois textos que complementam a apresentação: “A cidade e alguns poetas”, assinado por Henrique de Resende, e “É preciso paz na arte moderna”, de Rosário Fusco. Juntos, podem ser lidos como as proposições iniciais do grupo reunido em torno de *Verde*. Os rapazes chegaram a divulgar seu manifesto, publicado em folha avulsa na cor verde e nas mesmas dimensões da revista, contudo, não é possível precisar a data da publicação. Supõe-se, a partir de carta de Rosário Fusco a Mário de Andrade, datada de 07 de dezembro de 1927<sup>15</sup>, que tenha circulado juntamente com o terceiro número.

A “Apresentação”<sup>16</sup> de *Verde* iniciou-se com uma curiosa hipótese de Remy de Gourmont sobre o cenário literário, apontando para as tensões que atravessavam o aparente pacífico mundo das letras. Caso as disputas interessassem o público, ele prognosticava que as guerras intelectuais seriam tão mortíferas quanto aquelas de contexto civil ou religioso. A partir destas considerações, *Verde* lançou-se neste campo de batalhas:

<sup>14</sup> BANDEIRA, Manuel. Poética. *A Revista*, n°3, 1925, p. 12.

<sup>15</sup> Rosário Fusco a Mário de Andrade, 07/12/1927. *Apud*: MENEZES, 2013. p. 83.

<sup>16</sup> Apresentação. *Verde*, n° 1, ano°1, set./1927, p. 09.

Somos novos. E viemos pregar as ideias novas da Nova-Arte.  
 E só.  
 E está acabado.  
 E não precisa mais.  
 Abrasileirar o Brasil – é o nosso risco.  
 P’ra isso é que a VERDE nasceu.  
 Por isso é que a VERDE vai viver.  
 E por isso, ainda, é que VERDE vai morrer.<sup>17</sup>

Ao iniciar sua participação no movimento modernista, orientavam-se pelo debate do nacionalismo, presente na proposta arriscada e alegórica de “abrasileirar o Brasil”. A concepção de nacionalismo para o grupo não foi bem especificada e era confundida, por vezes, com a ideia de coesão da cultura brasileira por meio da unificação do movimento modernista.

Na certeza de que a inovadora revista de Cataguases seria alvo de críticas, os artigos que se seguiram ao texto de apresentação esclareciam sobre as características do projeto no quadro das revistas modernistas. Em “A cidade e alguns modernistas”<sup>18</sup>, Henrique de Resende tratou do cenário provinciano e das leituras clássicas da Europa que predominavam no interior do grupo até conhecerem a geração modernista. O autor via no movimento uma reação vinda do remorso, no sentido em que por anos a literatura brasileira haveria imitado, copiado e decalcado seus modelos e que agora buscava tecer em palavras autênticas. Contudo, o entendimento que Henrique de Resende tinha desta característica própria da literatura brasileira trazia traços de uma visão ainda idealizada e romântica: “O verde das nossas matas e o mistério das nossas selvas. O esplendor dos nossos campos e a força bruta das nossas águas. A fartura das nossas lavouras e o ouro dos nossos garimpos. O brilho metálico das nossas montanhas e o trabalho das nossas fábricas rangendo”.

<sup>17</sup> Apresentação. *Verde*, n° 1, ano°1, set./1927, p. 09.

<sup>18</sup> RESENDE, Henrique. A cidade e alguns modernistas. *Verde*, n° 1, ano°1, set./1927, p. 09-11.

No artigo “É preciso paz na arte moderna”<sup>19</sup>, Rosário Fusco buscava explicar os problemas que o grupo via nas disputas no campo da arte moderna brasileira. Sem compreender, apresentava o “banzé danado” do atual cenário:

Por exemplo: o sr. Prudente de Moraes, neto, escancha com o sr. Plínio Salgado – o maravilhoso romancista de *O Estrangeiro*. O sr. Augusto F. Schmith, de outro lado, escancha o sr. Prudente, neto, porque ele escanchou o Plínio Salgado! O sr. Buarque de Holanda, por sua vez, estrila com o trio Renato de Almeida – Graça Aranha – Ronald de Carvalho! O sr. Sérgio Buarque de Holanda, com o Prudente Neto, e até com o coitado do Alcântara Machado que nada tem com isso! Por aí se vê que a gente está navegando numa incerteza danada. Ninguém sabe o que quer! Mas todo mundo quer uma coisa. E daí que nasce esse banzé de cuia.<sup>20</sup>

Sem torcidas, nem política, partidos ou polêmicas; as propostas do jovem Fusco, estendidas ao grupo, acenavam para uma unificação do modernismo, pelo fim das disputas e desentendimentos – sem compreender que estas variações eram próprias de um movimento em construção – e assim aconselhava: “É preciso acabar com isso. Preciso mesmo! Na Arte Moderna não há *escolas*, nem nada. Portanto, cada um pra si. Cada um é líder de si mesmo (conforme me disse numa carta a inteligência magnífica de Martins de Almeida). Tem que ser assim e está acabado!”.

Polêmicas foram um traço presente desde a primeira hora do modernismo, acompanhado também de desentendimentos entre os próprios adeptos, seguido de cisões de grupos e vertentes que se desmembraram, conflitos que se acentuavam no decorrer de cada nova revista publicada na disputa pelo bastião do vanguardismo. Na visão dos jovens modernistas mineiros, as contendas no interior do movimento tendiam a desordená-lo, sendo necessário um processo pacificador na arte moderna.

No terceiro número foi publicado o “Manifesto do grupo Verde de Cataguases”, assinado por oito integrantes. Para Mário de Andrade, Fusco explicou, em tom de deboche, que

<sup>19</sup> FUSCO, Rosário. É preciso paz na arte moderna. *Verde*, n°1, ano 1, set./1927, p. 11.

<sup>20</sup> FUSCO, Rosário. É preciso paz na arte moderna. *Verde*, n°1, ano 1, set./1927, p. 11.

o manifesto “é uma porcaria danada feita especialmente para essa gente atrasada daqui”.<sup>21</sup> Longe de tomá-lo como uma simples besteira, este manifesto remetia para outro momento do grupo Verde e sua revista, quando já haviam ganhado espaço e demarcado suas posições no modernismo.

Esclarecia-se, de início, que o manifesto não era uma explicação, visto que os críticos de sua terra não os compreendiam, e já garantiram o apoio daqueles que entenderam suas propostas. O grupo reforçou no manifesto que tampouco buscavam delimitar seus fins e processos, mas afirmar posição entre outros grupos e os “adesistas de última hora”, numa referência ao grupo carioca de *Festa* (Rio de Janeiro, 1927-1929; 1934-1935).

O tom conciliatório dos textos de apresentação do primeiro número começou a se dissipar enquanto o grupo assumia posições e colocava-se “do lado oposto ao outro lado”. A expressão remete à conjuntura complexa envolta pelas críticas e disputas internas no movimento modernista, sobretudo retoma indiretamente o comentado texto de Sérgio Buarque de Holanda, publicado em 15 de outubro de 1926, na *Revista do Brasil*.<sup>22</sup> Por este ângulo, a publicação de manifestos e artigos críticos partiram não somente daqueles que eram contrários à renovação literária, mas também daqueles que discordavam sobre seus caminhos.<sup>23</sup> Neste ponto, em que o movimento se espalhava pelo interior mineiro, as aproximações intelectuais ou a escolha dos lados não se deu isenta aos debates que cercavam o cenário modernista. A necessidade de delimitação se dava até para aqueles que estavam, de certa forma, do “seu lado”, como o grupo de *A Revista*. Apesar de reconhecê-los como grupo forte e pioneiro no modernismo mineiro, afirmam que “Apesar de citarmos os nomes dos rapazes de Belo Horizonte, não temos, absolutamente, nenhuma ligação com o estilo de vida literária deles”. Diante disso, reforçam a sua autonomia: “Somos nós. Somos VERDES”.

<sup>21</sup> Rosário Fusco a Mário de Andrade, 07/12/1927. *Apud*: MENEZES, 2013. p. 83.

<sup>22</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. O lado oposto e outros lados. In: PRADO, Antonio Arnoni (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra*. Estudos de crítica literária (1920-1947). São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 224-228.

<sup>23</sup> LUCA, Tania Regina de. Sérgio Buarque de Holanda, a imprensa e o modernismo. In: SALIBA, Elias Thomé (Org.). *Modernismo. O lado oposto e os outros lados*. São Paulo: BBM/SESC, 2022. p. 51-88.

Numa trajetória heroica descreveram a vitória de *Verde*, desde sua primeira experiência com o “jornaleco” *Jazz-Band*, rompendo as barreiras do ambiente provinciano e pouco acolhedor às suas novas ideias, até ganharem terreno nas cidades “mais cultas” do Brasil, merecendo até mesmo reverências: “Considera-nos, a grande imprensa, os únicos literatos que tem coragem inaudita de manter uma revista moderna no Brasil, enquanto o público de nossa terra, o respeitável público, nos tem em conta de uns simples malucos criadores de coisas absolutamente incríveis”.

Ainda que possua um tom despretensioso, o manifesto procurou demarcar seu lugar de independência e autonomia no modernismo. Segundo Jorge Schwartz, o Manifesto do Grupo Verde de Cataguases assumiu a forma de um “grito de rebeldia nacionalista” na rejeição de qualquer influência, o que acabou sendo até mesmo uma ingenuidade.<sup>24</sup>

## DEBATES MODERNISTAS: O NACIONAL EM PERSPECTIVA

Em manifestos ou no diálogo afetuoso mantido nas cartas, estes grupos expressaram o desejo de criar espaços de debates em prol da renovação da cultura e literatura brasileiras a partir de suas revistas. As propostas anunciadas em manifestos e programas refletem sobre o que estes grupos esperavam de suas atuações, contudo, no conteúdo publicado é possível acompanhar como estas ideias são retomadas e em que medida se concretizam no interior das revistas.

A questão do nacionalismo estava envolta numa gama de outros temas, como a busca por uma identidade (ou entidade, para usar a expressão de Mário de Andrade) nacional brasileira, contraposta à influência galicista, a aproximação com a latinidade, e o paradoxo entre o regional e o cosmopolita.<sup>25</sup> Especialmente após a publicação do Manifesto Pau-Brasil, de 1924, as noções de nacionalismo e regionalismo entraram em voga nos debates modernistas empenhados na reinterpretação das manifestações culturais tipicamente brasileiras, contribuindo para que o modernismo se constituísse num processo de “desrecalque localista”,

<sup>24</sup> SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas Latino-Americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: EDUSP/Iluminuras/Fapesp, 1995.

<sup>25</sup> PERRONE-MOISÉS, 2007.

como bem apontado por Antonio Candido.<sup>26</sup> Tais discussões não estiveram ausentes em *A Revista e Verde*, e as posições assumidas nestas publicações contribuem para a compreensão da trajetória do movimento, assim como o entendimento dos termos nos quais a questão era colocada no período, em outras palavras, a historicidade destas revistas frente às noções de nacional, regional e tradição.

## TRADIÇÃO E NACIONALISMO

O debate a respeito do nacional e da tradição esteve bastante presente em *A Revista*, sendo estas noções discutidas de modo mais evidente no primeiro número, com os textos de Emílio Moura, Carlos Drummond de Andrade, Magalhães Drummond e Gregoriano Canedo. Noções estas que ganharam um tom próprio em cada autor, nem sempre em concordância.

O diálogo sobre o nacionalismo, pautado na tradição literária, foi assunto do artigo “Renascença do nacionalismo”<sup>27</sup>, de Emílio Moura, que tratou do questionamento sobre a existência (ou não) de uma literatura brasileira, tema que, conforme pontuou, era recorrente em nossa história. De fato, a preocupação com a construção de uma literatura nacional estava longe de ser novidade própria do movimento modernista – afinal, ela já fora trabalhada por escritores do romantismo, como José de Alencar –, a diferença residia nas diferentes percepções que essas várias gerações tinham acerca dos elementos constitutivos da nacionalidade. Ao estabelecer a ligação entre passado, presente e futuro no cenário literário brasileiro, Emílio Moura afirmou:

Há um espírito nacional como existe uma arte e uma literatura que vivem desse espírito livre. A semente de Alencar e de Euclides terá a glória de uma floração “brasileira”. Um futuro que não está muito longe escreverá a história da nossa emancipação intelectual. O passado, é verdade, deu-nos uma lição dolorosa de uma tradição empalidecida, fruto de um academicismo que era desvio, e de um classicismo esterilizante. O presente, entretanto, é ágil e firme, na curva de sua trajetória difícil.<sup>28</sup>

<sup>26</sup> CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010. p. 126-129.

<sup>27</sup> MOURA, Emílio. Renascença do nacionalismo. *A Revista*, nº 1, ano 1, jul./1925. p. 37.

<sup>28</sup> MOURA, Emílio. Renascença do nacionalismo. *A Revista*, nº 1, ano 1, jul./1925. p. 37.

Naquele presente, ritmado pelo movimento modernista, conferia-se à literatura o mérito de ser polifônica e de portar elementos da nacionalidade que levariam à “apoteose final de cor e de vida”, em oposição à “velha toada monocórdia, do estribilho desalentado que era um eco tradicionalista”. O passado representado pela tradição literária do classicismo acadêmico foi visto como mero aprendizado e criticado por seu esvaziamento de sentido na construção de uma literatura nacional efetiva. Em contraposição, evidenciava-se a novidade do olhar dos modernistas em relação ao nacionalismo literário. A ação destes jovens direcionava-se para “[...] construir um Brasil dentro do Brasil, polir e colorir a sua fisionomia e afastar, para longe, a tanga dos nossos caciques artificializados.”. Nesse jogo de cena, o grupo posicionava o nacionalismo no centro do palco, questão fundamental a ser discutida a partir deste momento no modernismo, enquanto o universalismo era relegado a segundo plano.

Emílio Moura julgava que o nacionalismo era, então, sinônimo de “sacrifício”, que exigia renunciar a toda tradição construída a partir das leituras e dos valores europeus, o que incluía a civilidade e a harmonia a partir das quais se pensava o Brasil. Em troca, a geração moderna deveria servir-se do primitivismo e do heroísmo com o objetivo de dar a conhecer uma nova tradição, renascida do nacionalismo:

Ai está, por exemplo, o sr. Oswald de Andrade a dar um exemplo desse heroísmo. É bem na “Cidade maravilhosa” que viu florir o espírito anatóliano que ele sonha “abrasileirar-se”. Carlos Drummond comenta o milagre: “... essa geração (a do sr. Oswald) foi a Bruges com o sr. Ronald de Carvalho, a Coimbra com o sr. Manoel Bandeira e a outros lugares menos confessáveis e mais distantes... Que importa semelhante coisa? Tais poetas embarcaram na caravela que nos leva a todos a Europa, mas voltaram de lá com os olhos puros “e viram e sentiram a verdade”. É a luz dessa renascença do nacionalismo que essa geração trabalha e medita, a pôr um pouco de beleza nessa campanha renovadora.<sup>29</sup>

Em oposição à importação servil, a geração modernista seria então capaz de observar atentamente os processos de renovação literária europeia com a sensibilidade de refletir sobre as distâncias culturais que os separam do Brasil. Esta renascença do nacionalismo, portanto,

<sup>29</sup> MOURA, Emílio. Renascença do nacionalismo. *A Revista*, nº 1, ano 1, jul./1925. p. 37.



seria o fruto do trabalho e estudo dos intelectuais modernistas para (re)construir a tradição literária com elementos efetivamente nacionais e não meramente adaptados de outros países.

As reflexões sobre uma tradição literária esvaziada de sentido prosseguem no artigo “Sobre a tradição em literatura”<sup>30</sup>, de Carlos Drummond de Andrade. Ao negar uma tradição estática e inquestionável, considerou que “[...] o próprio da tradição é renovar-se a cada época e não permanecer unificada e catalogada”, ou seja, a ação do tempo transformaria as obras, que não permaneceriam as mesmas ao serem lidas por novos leitores. Ante a falsa tradição literária, que, na sua perspectiva, atravanca a renovação da cultura em geral, era dever imperioso da sua geração desrespeitá-la, queimando, silenciosamente, seus ídolos. No caso de Drummond, a figura antes amada que decide repudiar era Machado de Assis: “Uma barreira infinita nos separa do criador de Brás Cubas. Respeitamos a sua probidade intelectual, mas desdenhamos a sua falsa lição. E é inútil acrescentar que temos razão: a razão está sempre com a mocidade”. A atitude um tanto radical de rejeitar a literatura machadiana representa, a seu momento, o símbolo de negação à ideia de tradição estabelecida. Drummond defendia que a verdadeira tradição era aquela que sobreviveu e dialogou com seu tempo e não os cânones imortalizados pela academia. Eram eles, os jovens modernistas, os responsáveis por julgar e decidir o que deveria ser mantido nesta literatura tradicional. Para tanto, era necessário que a obra em questão fosse dotada de sentido no momento então vivido, em outras palavras, a tradição literária deveria ser regularmente questionada e posta à reflexão no presente.

Ainda no número inaugural, o tema do nacionalismo em face à tradição foi debatido de forma bastante diversa por Gregoriano Canedo. Em “A situação”<sup>31</sup>, o autor considerou que a chave para a prosperidade estaria na construção da nacionalidade ancorada no mais firme patriotismo e no amor à tradição. Para a construção do Brasil futuro, Canedo defendia as normas de um nacionalismo verdadeiro, em oposição ao “nacionalismo moderno que enche revistas, livros e jornais, avassalando displicentemente o espírito do nosso povo, em que a exclusiva finalidade aviltante é ‘desportugalizar’ a Pátria...”. Neste sentido, o nacionalismo argumentado por Canedo pautava-se pelo respeito à tradição, aos poderes constituídos e que não se fechasse

<sup>30</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. Sobre a tradição em literatura. *A Revista*, nº1, ano 1, jul./1925. p. 32-33.

<sup>31</sup> CANEDO, Gregoriano. A situação. *A Revista*, nº1, ano 1, jul./1925. p. 22.

ou repudiasse influências vindas da Europa, inclusive as correntes imigratórias, vistas como benfazejas para a prosperidade do país. Este texto de Gregoriano Canedo deixa evidente a disparidade com que os temas do nacionalismo e tradição foram debatidos em *A Revista*. Não por acaso, ele era o integrante que mais se distanciava dos ideais do grupo, tanto que o seu texto mantinha diálogo tenso com outros escritos deste número, assinados pelos colegas Drummond e Emílio Moura.

O tema não reapareceu de forma tão evidente nos números seguintes, com exceção do extenso ensaio de Magalhães Drummond, publicado ao longo dos três números da revista. Parente distante de Carlos, como o sobrenome anuncia, Magalhães foi diretor do jornal *Diário de Minas* e seu reconhecimento na sociedade belo-horizontina também se deveu à carreira de professor catedrático na Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais e à atuação na política estadual. Na primeira parte de “O Momento Brasileiro”, o autor contradiz o pensamento sociológico que afirmava a incapacidade do brasileiro em construir sua nacionalidade, ao argumentar que os esforços deveriam se concentrar no reconhecimento das características da “sinergia nacional construtiva”. Empenhou-se em provar a existência de um critério brasileiro, noção que Magalhães atribuía a uma ideia, pensamento e espírito que perpassasse de forma generalizada, unificada e harmoniosa a consciência dos brasileiros. Este critério seria, na sua visão, a resposta à questão da nacionalidade: “Ver-se-á que esse grande problema é – precisamente – o da *organização do Brasil para durar como Estado e como nacionalidade*”.<sup>32</sup>

No número seguinte, Magalhães Drummond discutiu as manifestações culturais brasileiras, momento em que expressou, de forma mais direta, a sua compreensão acerca dos movimentos culturais de renovação. De saída, reconheceu as peculiaridades do português falado no Brasil, os “modismos” que bem fizeram à língua, tornando-a mais humana e bela; defendeu estas mudanças na prosódia e na ortografia que a gramática “intransigente” por tanto tempo havia condenado. O idioma seria, então, expressão do pensamento, do emocional e do ideológico: “Já não se pensa em português, pensa-se em brasileiro”<sup>33</sup>, e este pensar brasileiro prepondera nas manifestações artísticas. De forma pontual, as questões colocadas aqui vão, em

<sup>32</sup> DRUMMOND, Magalhães. Momento Brasileiro. *A Revista*, nº1, ano 1, jul./1925. p. 18.

<sup>33</sup> DRUMMOND, Magalhães. Momento Brasileiro. *A Revista*, nº2, ano 1, ago./1925. p. 43.

certa medida, ao encontro dos esforços modernistas de compreender as expressões populares como culturas devidamente nacionais, sobretudo das pesquisas de Mário de Andrade a respeito da fala brasileira para composição de sua *Gramatiquinha*, mas esta possível proximidade não é defendida pelo autor no texto.

Magalhães avaliou as artes de seu tempo – o “momento brasileiro” – pelo viés do assunto nacional, o “brasileirismo”. Na esteira da literatura, a expressão nacional não era mais vinculada ao indianismo de José de Alencar ou de Gonçalves Dias, mas no diálogo com a mentalidade do brasileiro de então. Como exemplos de autores que dialogam com este brasileiro do momento, destacou: Euclides da Cunha, Olavo Bilac, Afonso Arinos, Catullo da Paixão Cearense, Lima Barreto, Ronald de Carvalho, Mario Sette, Olegário Mariano, Paulo Barreto, ou ainda, o que o autor denominou de “nova escola paulista”. Reunindo nomes associados a estilos variados, o autor chegava ao “brasileirismo literário”, cuja característica comum era o olhar sobre a vida de sua gente em seu tempo. Sobre o movimento modernista, afirmou:

Há na arte dos Guilherme de Almeida, dos Mário de Andrade e do grupo juvenil d’*Estética*, principalmente esse grito instintivo, irreprimível, de almas felizes por se sentirem em harmonia com os seus patrícios, do seu tempo. Há quem combata a chamada “escola paulista” e a toda a nova corrente, e há mesmo quem vaticine vida efêmera. Eu, ao contrário, creio que ela vai durar, e penso que dela passarão apenas os exageros de técnica. Dela caducará somente o que haja de artificioso. Mas, na sua essência e nas suas intenções fundamentais ela ficará, porque, enquanto a isso, se erradica algo de muito estável e que é a constituição íntima da *psyché* nacional e porque procura servir algo de muito real, ou seja, as aspirações e anseios do Brasil atual.<sup>34</sup>

Fica claro por este trecho que Magalhães Drummond não se opunha à renovação estética empenhada pelo modernismo e que, nas devidas proporções, julgava o movimento como construtor do nacionalismo literário do qual defendia, visto que se pautavam pelo ideal comum de reconhecimento dos anseios e aspirações do Brasil naquele momento. Por certo, deve-se

<sup>34</sup> DRUMMOND, Magalhães. Momento Brasileiro. *A Revista*, nº2, ano 1, ago./1925. p. 44-45.

considerar que esta fala estava inserida num veículo de comunicação do movimento modernista, questão que certamente mensurou parte de suas opiniões, já que Magalhães não adotava uma postura aberta a renovações, como fica evidente no texto seguinte.

Na última parte do seu ensaio, Magalhães tratou dos obstáculos para que o Brasil se firmasse enquanto nação, a começar o preconceito de se atribuir ao mundo urbano a causa dos males econômicos do país, argumento que ele inverte atribuindo ao rarefeito desenvolvimento das cidades os nossos males, questão que acresce às relações entre Estado e religião católica. Magalhães Drummond, na contramão dos que defendiam a separação entre essas instituições, tal como consagrado na Constituição de 1891, julgava que o catolicismo era um elemento integrante da consciência coletiva, e que era imprescindível adotar um ideal católico nacionalista para que se alcançasse o objetivo de um Estado duradouro.<sup>35</sup> Este último texto de Magalhães Drummond descortina o veemente conservadorismo de suas ideias e sai em defesa da manutenção dos poderes da igreja católica nos assuntos institucionais. Na definição de um “critério brasileiro”, o autor ignora a polifonia cultural pulsante no Brasil e entende o nacional como elemento unificante e homogeneizador da nação; diálogo em desacordo com os ideais de renovação propostos pela revista.

No que concerne aos debates sobre o nacional e a tradição, *A Revista* apresentou uma tensão entre estas noções, que manifestaram sentidos distintos entre os artigos publicados. De saída, a tradição foi vista por uma perspectiva de revisão para que fosse construída uma nacionalidade que se pautasse em respostas ao presente, sobretudo na questão literária; em contrapartida, houve a defesa do nacionalismo patriótico de respeito à tradição e da educação religiosa em comunhão com o Estado. Portanto, valores de posturas conservadoras e, ao lado, o empenho em renovar a tradição por meio da reflexão sobre o que é o nacional.

Em *A Revista* as discussões sobre o nacional em paralelo à tradição foram desenvolvidas em artigos e debatidas com seriedade por seus autores ao defender seus pontos de vista e oferecer saídas para a (re)construção da nacionalidade e da literatura nacional. Já os rapazes de *Verde* optaram por outra abordagem desta questão para criticar o nacionalismo vazio e

<sup>35</sup> DRUMMOND, Magalhães. Momento Brasileiro. *A Revista*, nº3, ano 1, jan./1926. p. 32-34.

institucional, como fica evidente nos poemas de Rosário Fusco e Ascânio Lopes. Pelo viés da risibilidade reprovavam o nacionalismo retórico e laudatório das festividades cívicas e da formação escolar, como neste poema de Rosário Fusco dedicado a Mário de Andrade:

Festa da Bandeira  
 Depois que os meninos cantaram  
 o “salve lindo pendão da esperança”  
 o professor doutor Arlindo França  
 descobriu o retrato de Camões e disse  
 que ele foi um grande poeta português  
 autor do URUGUAY – o mais belo  
 poema da língua portuguesa  
 Meninos bateram palmas e o coronel Sinfrônio  
 elogiou o “estilo quente” do orador...  
 Seu Nicolás farmacêutico falou com titio  
 que o seu França é um homem “preparado”  
 – a mais viva esperança do Brasil...<sup>36</sup>

O Hino à Bandeira (1906), com letra de autoria de Olavo Bilac e música de Antônio Francisco Braga, era entoado nas escolas e fazia referência a um dos símbolos nacionais mais difundidos, o pavilhão nacional. Um excerto do refrão serviu como ponto de partida para a ironia de Fusco frente ao nacionalismo vazio, perpetuado por doutores e professores ignorantes, como fica evidente na errônea atribuição de autoria ao poema de Basílio da Gama. A graça fica por conta dos aplausos e da admiração basbaque dos alunos, do coronel e do farmacêutico, blague que desnudava as nossas fraquezas.

Por esta mesma lógica de criticar o alvoroço das festividades que se revelam vazias de sentido, Ascânio Lopes publicou o poema anedótico sobre a comemoração do descobrimento:

Descoberta do Brasil  
 Programa:  
 1) Foguetões.

<sup>36</sup> FUSCO, Rosário. Festa da Bandeira. *Verde*, nº 3, ano 1, nov./1927, p. 18.

- 2) Alvorada pela Banda Musical 3 de maio.
- 3) Missa com sermão obrigatório e leilão no final para as obras da igreja.
- 4) Passeata do batalhão escolar e sessão cívica no grupo local.
- 5) À noite, na sede do Grêmio Literário Cultores das Letras, o sr. Pacífico Montes discorrerá eruditamente sobre o acaso da descoberta.
- 6) Fogos de artifício. Nota: Haverá foguetes de lágrimas.<sup>37</sup>

Toda a tradição e formalidade foram ironizadas por Ascânio na descrição esquemática da programação oficial determinada por um roteiro que, embora tente demonstrar alguma alegria festiva com a participação da banda e fogos, deixa de lado a participação popular na comemoração, alheia a toda superficialidade desta cultura formal. A ironia em colocar o “sermão obrigatório” e o “leilão” na mesma sequência reforça o esvaziamento das celebrações, nesse caso em especial, as religiosas. Assim como os foguetórios, as comemorações acabam sem consequências; o que sobra é apenas a formalidade de uma cultura vazia e distante da realidade nacional.

Em *Verde*, o debate sobre o tema ganhou corpo ao criticar as comemorações vazias de um nacionalismo institucional que se prende à bela fala, mas que pouco ou nada permite inspirar reflexões sobre os problemas nacionais. Distanciando-se da seriedade com que o tema foi abordado em *A Revista*, os jovens de *Verde* optam pelo viés da derrisão para desempenhar este papel crítico e demonstrar indiretamente suas posturas.

O tema do nacionalismo foi tratado de forma mais séria no artigo “A hora presente”, publicado no segundo número de *Verde*, por Ascânio Lopes, que apresentou suas impressões a respeito da raça e imigração na unificação do país como questões para se pensar, a longo prazo, sobre a construção de uma nação longeva. Ascânio pontuou que, no contexto pós-guerra, a palavra “estrangeiro” foi frequentemente associada à figura do inimigo, seguindo o ideal romântico de defesa da sua terra e sua gente. Em sua opinião, em países novos e de imigração, como o Brasil, os aspectos do nacional ainda não eram estabilizados e, desta forma, mais do que assumir certas correntes nacionalistas de combate ao estrangeiro, tratava-se de:

<sup>37</sup> LOPES, Ascânio. Descoberta do Brasil. *Verde*, nº 3, ano 1, nov./1927, p. 22.

na hora presente, de formar um espírito nacional, um critério nacional, para a solução dos problemas nacionais; luta-se pela formação da nacionalidade, pela conservação em estado de pureza ou pela criação dos elementos que são indispensáveis a ela; trata-se de absorver o estrangeiro, sem ser absorvido por ele.<sup>38</sup>

As questões raciais no Brasil acompanham um longo debate desde o final do século XIX, fortalecido pelas teorias evolucionistas do pensamento científico da época, que colocavam em jogo a definição do brasileiro sob o princípio de uma raça em formação.<sup>39</sup> No concerto de teorias raciais, a ideia do “Brasil-cadinho” era construída e posta como um tema de reflexão sobre o nacional, do qual a imigração era pauta, sobretudo o ideal de imigrante a ser acolhido no território. Neste contexto de debates intelectuais sobre questões raciais e o papel da mestiçagem na construção nacional, Ascânio Lopes não via negativamente o processo geral de imigração no Brasil, contudo, fica latente o pensamento racial em sua argumentação. Para ele, a construção da nação deveria ser pautada na “unidade de raça”, processo pelo qual era preciso conduzir com inteligência dois aspectos que poderiam ameaçar esta unidade: as questões raciais em matéria de imigração e a busca por uma unidade dos elementos brasileiros dentro do vasto território. Como exemplo, citou a ameaça de movimentos como o de Canudos na formação da nacionalidade e concluiu:

Porque a nação só o é de fato, sem medo de separatismos e desuniões. Quando há uma afinidade profunda ou uma igualdade de raça entre os elementos que formam o povo; quando a língua, os costumes, a literatura, o passado, o ideal futuro, prendem, enlaçam esses elementos para um destino comum.<sup>40</sup>

Naquele contexto, a “hora presente” clamava por uma análise profunda da sociedade brasileira para enfrentar o problema da existência e, sobretudo, duração do país como povo e como nação. O modo defendido para dar segurança a este processo foi a unificação dos elementos nacionais, pondo fim ao “mesquinho sentimento bairrista” que o intimida. Para tanto, argumenta pelo estudo e conhecimento dos elementos nacionais para a construção de uma

<sup>38</sup> LOPES, Ascânio. A hora presente. *Verde*, nº 2, ano 1, out./1927, p. 17.

<sup>39</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>40</sup> LOPES, Ascânio. A hora presente. *Verde*, nº 2, ano 1, out./1927, p. 17.



língua, literatura, legislação e até mesmo rodovias que iriam ligar as diferentes unidades da federação. Nestes termos, a unidade de elementos difusos era a pauta principal defendida por Ascânio Lopes a respeito do nacionalismo, caminho pelo qual guiaria o país enquanto nação duradoura.

Nos debates sobre a nação e seu futuro, a questão apareceu em *A Revista e Verde* por diferentes ângulos e abordagens, por vezes na seriedade para elencar problemas e discutir suas saídas ou pela linha do riso afim de desnudar as superficialidades com que o tema era tratado. A reflexão sobre o nacional colocou em perspectiva a (re)construção da literatura brasileira em diálogo tenso com a tradição, assim como as questões raciais e da língua, tudo isto presente na pauta ampla de (re)conhecimento do Brasil e do brasileiro.

## REGIONALISMO

Faces da mesma moeda, as discussões do nacional colocam em cenário o regionalismo, debate que, nestas revistas, não escapou de pensar o papel de Minas no Brasil, sobretudo a visão que ambos os grupos tinham das cidades a que pertenciam, questão latente desde os manifestos e programas destes periódicos, sendo abordada também ao longo dos números.

Em *A Revista*, as discussões a respeito do nacionalismo ocorriam em paralelo ao regional, e em exemplo direto, foram desenvolvidas no artigo não assinado “Do bairrismo ao nacionalismo”, portanto atribuído à redação. Neste texto foi retomada a interpretação que atribuía à Minas Gerais o papel de manutenção da unidade nacional, reforçada pela imagem do mineiro como simples, solidário e alheio às emoções políticas, ou seja, talhados para assumir a direção do país. Caberia a Minas um importante papel de união nacional pelo viés político, e esta seria, portanto, sua grande colaboração para o desenvolvimento da nação, motivo de orgulho regional:

E se Minas colabora tanto no destino de toda a nacionalidade, ai está uma justificativa gloriosa para o aumento de nossa esperança, um motivo de alegria diante do espetáculo do nosso momento, que é construtor e fecundo. No fundo do nosso bairrismo há, portanto, um robusto nacionalismo. Não é Minas somente que se agita

na nossa preocupação rigorosa; é o Brasil; ágil e grande, a olhar-se demoradamente, na sua energia em potência.<sup>41</sup>

A capital era retratada na perspectiva de uma cidade jovem, mas provinciana e que aspirava exercer posição de cidade administrativa e intelectual de destaque nacional. Na crônica “A cidade verde”<sup>42</sup>, Y. (pseudônimo utilizado por Drummond) compara Belo Horizonte a uma imagem feminina, dotada de uma beleza que salta aos olhos. O cronista retoma a figura do Rio de Janeiro como a “cidade-mulher” (encantadora desde à primeira vista) e, em termos de comparação, traça a Belo Horizonte a qualidade de “cidade verde”, na tentativa de descrever figurativamente a sua juventude e timidez, que demandaria maior atenção para que fossem desveladas suas qualidades. Descrevendo a capital tal qual uma jovem mulher, demonstrou o processo de desenvolvimento e, assim, mesmo que permanecesse um “provincianismo teimoso”, Belo Horizonte já vislumbrava novos tempos, a propósito do cenário cultural que se fortalecia, com a possibilidade de vir a ocupar, num futuro não distante, o papel central na intelectualidade brasileira, caminho no qual *A Revista* certamente estaria a contribuir.

Em “Nós”,<sup>43</sup> esta ideia da cidade-verde foi retomada para reafirmar o crescimento urbano e populacional de Belo Horizonte, sustentado pela cultura e civilização. Devido à presença da burocracia administrativa, a nova capital do estado era conhecida, no início do século XX, como a cidade dos funcionários. Para se desvencilhar desta imagem, o autor contrapõe com a ideia da “*urbs* universitária mineira”, portanto, seu crescimento se amparava no mundo intelectual da juventude universitária.

O moralismo da sociedade belo-horizontina foi exposto no texto “Em defesa da moda”,<sup>44</sup> problemática analisada sob o prisma da liberdade feminina. Contrariando a leitura social de que as novidades do século no âmbito da moda atentam à moral, entendiam que estas mudanças no vestuário – menos camadas de roupas ou um pouco menos de cabelos – não exprimiam indecência e, sim, libertaram os corpos femininos tanto das amarras dos espartilhos

<sup>41</sup> Do bairrismo ao nacionalismo. *A Revista*, nº1, ano 1, jul./1925. p. 43.

<sup>42</sup> Y. A “cidade verde”. *A Revista*, nº1, ano 1, jul./1925, p. 40.

<sup>43</sup> Nós. *A Revista*, nº1, ano 1, jul./1925, p. 43.

<sup>44</sup> Em defesa da moda. *A Revista*, nº1, ano 1, jul./1925, p. 42.

quanto da opressão patriarcal. A moda feminina foi vista pelo grupo como um aspecto de modernização e civilização em Minas Gérias, da qual prestaram suas homenagens:

A elas, que tanto deve o surto do nosso progredimento social e que nós tanto acatamos e prezamos, oferecemos em homenagem modestas, os protestos que reafirmamos nesta página d'*A Revista* que lhe dedicamos, de mais respeitosa solidariedade e inequívoca incondicionalidade de admiração.<sup>45</sup>

A abordagem adotada pela revista é interessante visto o contexto da época e, ainda mais, por assumir a direção contrária ao discurso sustentado pelo jornal *Diário de Minas*, do qual os integrantes do grupo eram colaboradores. Segundo Maria Zilda Cury:

O jornal se refere à crescente influência da moda norte-americana no Brasil, muitas vezes com uma preocupação moralizante, a marcar que a cidade não se encontrava preparada para receber grandes novidades nos trajes. Por exemplo, um cronista se escandaliza com a nova moda parisiense que, sob alegação de economia, suprimia mangas, ampliava decotes, substituíam meias e borseguins por simples sandálias. Conclama os pais de família a não permitirem a sua adoção.<sup>46</sup>

Se, de modo geral, Belo Horizonte foi retratada em *A Revista* como uma cidade em crescimento, sobretudo cultural e intelectual, Cataguases era vista, a princípio, como um obstáculo a ser superado para o reconhecimento do trabalho de vanguarda desempenhado pelo grupo. É de se levar em conta que uma revista aos moldes de *Verde* não encontrasse bom número de leitores entusiastas na pequena Cataguases, mesmo decorridos alguns anos do modernismo em Minas. Diante das críticas que receberam, o segundo número inicia com o artigo “Literatura de Brinquedo”, em que Henrique de Resende tece comentários irônicos sobre a recepção da revista na cidade:

*Verde* constituiu um delicioso escândalo na sua cidadezinha – de – interior. E não era pra menos. Ninguém esperava que a anunciada revista surgisse como surgiu. [...] Qual revista qual coisa nenhuma! Um mero folheto com sonetos futuristas, como o

<sup>45</sup> Em defesa da moda. *A Revista*, nº1, ano 1, jul./1925, p. 42.

<sup>46</sup> CURY, Maria Zilda. *Horizontes Modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

do sr. Carlos Drummond de Andrade, que não passa de um ridículo plágio do Regulamento Interno da Inspetoria de Veículos.

E a “Viagem sentimental” do ser. Edmundo Lys? Uma bambochata, com mistura de canivetes, Código Civil, tenentes e laranjas. Depois o sr. Martins de Oliveira, com uns negócios complicados de palhaço de circo, - tudo sem rima e de pé quebrado.

E o sr. Theobaldo! Cruz credo! Um verdadeiro escândalo é que é. Todos malucos. Todos com macaquinhos no sótão. E o sr. Fusco fingindo que não sabe grafar direito.

O sr. Camilo com um Xixi incompreensível. O sr. Peixoto, o sr. Ascânio. Etc. Etc. Uma boa corja com tendências para o 70 Sul.

E triunfantemente o respeitável público se delicia: ora, os futuristas...<sup>47</sup>

Uma revista sem fotografias, sem elogios às ordens públicas ou comentários comezinhos sobre o cotidiano da cidade; foram estes os aspectos que Henrique utilizou para demonstrar a oposição destoante entre Verde e as leituras que aqueles cidadãos estariam acostumados. Soma-se a este “escândalo” relatado que muitos destes artigos são assinados por nomes conhecidos na região, por suas carreiras ou famílias. Para o efeito de contraposição ao alvoroço visto no interior, passou a comentar como Verde foi recebida com “altas honrarias” entre grandes jornais e nomes consagrados no cenário literário nacional. Não são colocadas em questão as limitações do desenvolvimento urbano, mas a denúncia constante da incultura e da manutenção da tradição em cidades pequenas como Cataguases. Henrique de Resende terminou o artigo dizendo que uma das tentativas de Verde era a de fazer com que os leitores locais se abrissem a novas experiências ao deixar de lado aos poucos o apego a tradição: “E se isso não der o público continuará a ter a mesma pena de nós e nós continuaremos a ter esta mesma imensa piedade pela ignorância do público”.

Conforme a revista foi ganhando maior repercussão, com colaboradores de vários estados e países, o tom a respeito da cidade foi se alterando no periódico e Cataguases passou a ser referência para o movimento. Em “Verde, poemas cronológicos e outros poemas”<sup>48</sup>, artigo de abertura do quarto número da revista, Henrique de Resende volta a comentar sobre a cidade ao narrar a história do grupo, desde sua ideia inicial à publicação do primeiro livro produzido e

<sup>47</sup> RESENDE, Henrique. Literatura de brinquedo. *Verde*, nº2, ano 1, out./1927, p. 7.

<sup>48</sup> RESENDE, Henrique. *Verde*, poemas cronológicos e outros poemas. *Verde*, n. 4, 1927, p. 27.

editado pelos verdes.<sup>49</sup> Nas palavras do autor, a cidade de Cataguases passou de “pobre cidadela” a promoção de “centro intelectual”, isto às custas do desempenho de Verde que congregou modernistas de peso no país.

Perpassa a ideia de que o grupo era responsável por acertar os pontos e colocar a cidade no rumo e até mesmo no mapa: “Todo o Brasil está surpreso: existe Cataguases”, disse assim Ribeiro Couto ao comentar sobre o modernismo de Verde no texto “A descoberta de Cataguases”.<sup>50</sup> Ao falar sobre o descobrimento da cidade mineira, retoma a indiferença com que a intelectualidade brasileira tratava as diversas regiões do país, presos às influências estrangeiras partilhadas na Rua do Ouvidor do início do século.

A curiosidade pela cidadezinha do interior mineiro de onde surgem foi despertada pelas criações, quase simultâneas, de uma revista de renovação literária e o cinema nacional precursor de Humberto Mauro.<sup>51</sup> Se antes os atrativos de cidades do interior eram a banda musical, o fogueteiro, as atividades políticas e religiosas, em Cataguases o espaço foi modificado pela chegada da modernidade, do jazz-band, do Ford e do cinema: “Em Cataguases, hoje centro adiantado, não mais sofremos o pipocar dos foguetes, nem o pam-pam-pam-pum, das bandas de música. Tudo passou e há muito tempo. Ficou-nos o cinema.”.<sup>52</sup> Em certo sentido, a imagem de Cataguases em Verde se altera ao passo que a revista ganha reconhecimento nacional, com colaborações vindas de várias partes do país e do estrangeiro, assim, as opiniões do público local deixam de ocupar o debate sobre a sua legitimação. Para o grupo verde, a cidade de Cataguases passou a ser símbolo de renovação literária e cultural.

Dos ângulos expostos, fosse pela seriedade ou na opção jocosa, A Revista e Verde debateram as questões amplas em pauta no modernismo daquele momento, que estavam

<sup>49</sup> Trata-se de *Poemas Cronológicos*, de Henrique de Resende, Ascânio Lopes e Rosário Fusco, publicado em 1928 pela Editora Verde, ligada ao grupo.

<sup>50</sup> COUTO, Ribeiro. A descoberta de Cataguases. *Verde*, nº5, ano 1, jan./1928, p. 10-11.

<sup>51</sup> Humberto Mauro (1897-1983) foi um dos pioneiros do cinema nacional, sempre tratando de temáticas brasileiras. Com a criação da produtora Phebo Filmes em 1925, seus primeiros filmes foram contemporâneos do movimento modernista de *Verde*, com quem mantinham proximidade. Neste período, produziu os seguintes filmes: *Na primavera da vida* (1926), *Tesouro perdido* (1927), *Brasa dormida* (1928) e *Sangue mineiro* (1929). Cf. EMÍLIO, Paulo. *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

<sup>52</sup> MARTINS, J. Cataguases, o cinema, a Phebo, a lei de menores, etc. *Verde*, nº5, ano 1, jan./1928, p. 4.

articuladas entre si; a saber, as discussões sobre a tradição em face ao nacionalismo e ao regionalismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Qualquer tentativa de pensar o modernismo brasileiro enquanto unidade cairia em definições simplistas que perderiam as particularidades da construção do movimento ao longo dos anos. Da mesma forma, não há como determinar uma identidade comum que classifique as experiências modernistas em Minas, seja com *A Revista e Verde* ou com os demais grupos e escritores do estado que aderiram às ideias do movimento, a exemplo das revistas *Elétrica* (Itanhandu, 1927) e *leite crioulo* (Belo Horizonte, 1929), que apontam outras características a serem exploradas. Já em seu conteúdo programático, exibem propostas diversas que dialogavam tanto com sua relação local (seja na capital ou no interior) quanto com o momento em que se encontravam na rede de periódicos que construíram o movimento modernista na sucessão de seus diálogos, o que dificulta a comparação horizontal entre *A Revista e Verde*.

Em *A Revista*, a proposta central estava na construção de uma nacionalidade que passava também pela reflexão sobre o regional, mas a mineiridade aparecia como um elemento do processo maior de renovação da cultura e literatura brasileira. Para dar um passo em direção a esta renovação intelectual, propunham o acerto de contas com a tradição, não a descartando, mas numa visão crítica em que valia o diálogo com o presente, ou seja, reavaliar o passado e trazer dele o que interessava para a construção de algo novo. O local não era visto como impasse, mas como paradoxo que precisava ser superado no desenvolvimento de um ambiente cultural e intelectual.

Com uma postura iconoclasta de sua juventude, os verdes destoaram do tom conciliador próprio do modernismo de *A Revista*. Como ponto comum, *Verde* inicialmente figurou no modernismo com a proposta do nacionalismo, expressa na ideia de “abrasileirar o Brasil”, mas o elemento regional não era posto em questão neste primeiro momento. Ao contrário, o local e o provincianismo eram vistos como um obstáculo vencido: do lugar onde surgiram e não eram compreendidos, ganharam repercussão nacional. Se, a princípio, a proposta do grupo era a de conciliação do movimento modernista rumo a um lugar comum, o manifesto publicado no

terceiro número expressava a necessidade de reivindicar sua posição e independência em relação a outros grupos, inclusive os colegas de *A Revista*.

O exercício de analisar estas revistas pela seleção temática combinada do nacionalismo, tradição e regionalismo possibilitou evidenciar a divergência de posturas frente a temas comuns do movimento modernista. Acompanhar detidamente o desenvolvimento e a reelaboração de ideias permite traçar perspectivas que escapem de afirmações estanques de modernismo mineiro como unidade ou visto por lógicas dualistas de provinciana-cosmopolita ou vanguarda-tradição, visto que esses traços se mesclam e complexificam ao longo das publicações. A ótica pode ser ampliada a outras temáticas e revistas, em ligações nacionais ou internacionais que explorem a intrincada rede modernista do século XX, na qual *A Revista* e *Verde* contribuíram ao debate. As palavras de Sérgio Milliet<sup>53</sup> são oportunas para prolongar o debate: “Com esses mineiros a gente nunca sabe. São extremamente ricos de vida interior e a cada nova leitura descobre-se mais um pouquinho deles. Quando tudo parece claro a gente percebe que está apenas no começo.”

## REFERÊNCIAS

### FONTES

- ANDRADE, C. D. de. Sobre a tradição em literatura. *A Revista*, v. 1, n. 1, jul./1925, p. 32-33.  
Apresentação. *Verde*, v. 1, n. 1, set./1927, p. 9.
- BANDEIRA, M. Poética. *A Revista*, v. 1, n. 3, 1925, p. 12.
- CANEDO, G. A situação. *A Revista*, v. 1, n. 1, jul./1925, p. 22.
- COUTO, R. A descoberta de Cataguases. *Verde*, v. 1, n. 5, jan./1928, p. 10-11.
- Do bairrismo ao nacionalismo. *A Revista*, v. 1, n. 1, jul./1925, p. 43.
- DRUMMOND, M. Momento Brasileiro. *A Revista*, v. 1, n. 1, jul./1925, p. 17-18.
- DRUMMOND, M. Momento Brasileiro. *A Revista*, v. 1, n. 2, ago./1925, p. 43-46.
- DRUMMOND, M. Momento Brasileiro. *A Revista*, v. 1, n. 3, jan./1926, p. 32-34.
- Em defesa da moda. *A Revista*, v. 1, n. 1, jul./1925, p. 42.
- FUSCO, R. É preciso paz na arte moderna. *Verde*, v. 1, n. 1, set./1927, p. 11.

<sup>53</sup> MILLIET, Sérgio. *Diário Crítico I*. São Paulo: Martins, 1981. p. 267



- FUSCO, R. Festa da Bandeira. *Verde*, v. 1, n. 3, nov./1927, p. 18.
- LOPES, A. A hora presente. *Verde*, v. 1, n. 2, out./1927, p. 17.
- LOPES, A. Descoberta do Brasil. *Verde*, v. 1, n. 3, nov./1927, p. 22.
- MARTINS, J. Cataguases, o cinema, a Phebo, a lei de menores, etc.. *Verde*, v. 1, n. 5, jan./1928, p. 4.
- MOURA, E. Renascença do nacionalismo. *A Revista*, v. 1, n. 1, jul./1925, p. 37.
- Nós. *A Revista*, v. 1, n. 1, jul./1925, p. 43.
- Para os céticos. *A Revista*, v. 1, n. 1, jul./1925, p. 11-13.
- Para os espíritos criadores. *A Revista*, v. 1, n. 2, ago./1925, p. 11-13.
- RESENDE, H. A cidade e alguns modernistas. *Verde*, v. 1, n. 1, set./1927, p. 9-11.
- RESENDE, H. Literatura de brinquedo. *Verde*, v. 1, n. 2, out./1927, p. 7.
- RESENDE, H. Verde, poemas cronológicos e outros poemas. *Verde*, v. 1, n. 4, 1927, p. 27.
- Y. A “cidade verde”. *A Revista*, v. 1, n. 1, jul./1925, p. 40.

## OBRAS GERAIS

- ANDRADE, C. D. de. A Revista, de novo. Interessa? *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 21 set. 1978.
- ANTELO, R. As revistas literárias brasileiras. *Boletim de pesquisa NELIC*, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 7, 1997.
- ARRUDA, M. A. Modernismo e regionalismo no Brasil: entre inovação e tradição. *Tempo social*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 191-212, nov. 2011.
- BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN (BBM/USP). Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/1>. Acesso em: [data de acesso].
- BOMENY, H. *Guardiões da razão: modernistas mineiros*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Tempo Brasileiro, 1994.
- BUENO, A. S. *O modernismo em Belo Horizonte: década de 20*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.
- CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- CARDOSO, R. *Modernidade em preto e branco: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- CASTELLO, J. A. A pesquisa de periódicos na literatura brasileira. In: NAPOLI, R. O. de. (Org.). *Lanterna Verde e o Modernismo*. São Paulo: IEB, 1970. p. 3-7.
- CURY, M. Z. *Horizontes Modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

- DIAS, F. C. *O Movimento Modernista em Minas: uma interpretação Sociológica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1971.
- EMÍLIO, P. *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- FRANCISCO, L. *Os debates sobre o modernismo nos periódicos A Revista (Belo Horizonte, 1925-1926) e Verde (Cataguases, 1927-1928;1929)*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2021.
- GOMES, A. de C. *Essa gente do Rio... Modernismo e Nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.
- HEMEROTECA DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL (HDBN). Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: [data de acesso].
- HOLANDA, S. B. de. O lado oposto e outros lados. In: PRADO, A. A. (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda. O espírito e a letra. Estudos de crítica literária (1920-1947)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 224-228.
- LARA, C. de. A Revista: um novo elo na cadeia de periódicos modernistas, prefácio à edição fac-símile. In: *A Revista*. São Paulo: Metal Leve S/A, 1978.
- LUCA, T. R. de. Sérgio Buarque de Holanda, a imprensa e o modernismo. In: SALIBA, E. T. (Org.). *Modernismo. O lado oposto e os outros lados*. São Paulo: BBM/SESC, 2022. p. 51-88.
- MARQUES, I. *Cenas de um modernismo de província: Drummond e os rapazes de Belo Horizonte*. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- MILLIET, S. *Diário Crítico I*. São Paulo: Martins, 1981.
- PERRONE-MOISÉS, L. *Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PORTAL DE REVISTAS IDEIAS E CULTURA (RIC). Disponível em: <http://ric.slihi.pt/>. Acesso em: [data de acesso].
- PRADO, A. A. *1922 – Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana e o Integralismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- ROMANELLI, K. B. *A revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. 1981. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.
- SANT’ANA, R. M. T. *O Movimento Modernista Verde, de Cataguases – MG: 1927-1929*. Cataguases: Instituto Francisca Inácio Peixoto, 2008.
- SCHWARCZ, L. M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHWARTZ, J. *Vanguardas Latino-Americanas: polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: EDUSP/Iluminuras/Fapesp, 1995.

SILVA, M. A. W. *A Revista: contribuição para o estudo do modernismo em Minas Gerais*. 1984. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

VELLOSO, M. P. A brasilidade verde-amarela: nacionalismo e regionalismo paulista. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 89-112, 1993.

VELLOSO, M. P. *História e Modernismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

Recebido em: 04/06/2025 – Aprovado em: 02/09/2025